

## A Psicanálise no Campo da Educação Infantil: uma aplicação possível

Regina Orth de Aragão

Psicanalista e coordenadora do Centro Integrado de Desenvolvimento Infantil (Cindi), Brasília (DF); graduada em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP); *maîtrise de psychologie clinique*, pela Universidade Paris VII, e *diplôme de psychopathologie* pela Universidade Paris V, França; coordenadora do Espaço Psicanalítico.

Trataremos, neste texto, das conexões entre psicanálise e educação, procurando retrazar o histórico dessa relação através da obra de Freud, e as possíveis aplicações da teoria psicanalítica à práxis educativa, particularmente no campo da educação infantil, levando em conta suas peculiaridades próprias.

Para tal, faremos inicialmente um breve apanhado da história dessa conexão, vista do ângulo da psicanálise, em particular como se apresentou no pensamento freudiano, e como se concretizaram algumas aplicações da psicanálise na educação. Em seguida, considerando a especificidade da Educação Infantil, dirigida às crianças em seus primeiros anos, nos interrogaremos sobre a aplicação do conhecimento psicanalítico a esse campo. Finalmente, procuraremos ilustrar essa aplicação tomando como foco uma creche em que esse conhecimento foi utilizado.

Quando nos propomos a abordar a questão das interfaces entre psicanálise e educação, não podemos esquecer de que o tema tem produzido discordância e debates ao longo da história da psicanálise. Para muitos psicanalistas, a psicanálise só poderia ser aplicada no contexto próprio da clínica dos distúrbios psíquicos. No entanto, o desejo de Freud de ver a psicanálise ir além dessas fronteiras sempre se manteve vivo. Um dos campos privilegiados dessa aplicação seria o da educação, ao qual Freud referiu-se inúmeras vezes, ao longo de seus escritos. Mas ao percorrer seus textos somos forçados a constatar suas oscilações, tendo ele se mostrado, por vezes, otimista e esperançoso e, outras vezes, mais céptico e reservado quanto à viabilidade e ao alcance das aplicações da psicanálise à educação.

Fazendo um pequeno desvio, precisamos lembrar que a aplicação da psicologia à educação já se faz correntemente, principalmente através de duas áreas do saber psicológico, quais sejam a psicologia do desenvolvimento e a psicologia da aprendizagem, sem que possamos esperar, no entanto, "que as teorias psicológicas, por si só, expliquem todas as variáveis que interferem no processo educativo", já que "as mudanças nas práticas educacionais dependem de um conjunto de fatores que extrapola o campo de atuação da psicologia" (Almeida, 1994).

Se foi possível, de todo modo, que uma relação dialética tenha se estabelecido entre os campos da psicologia e da educação, como podemos pensar a relação do pensamento psicanalítico com a educação?

Freud mostrou-se de início muito esperançoso de que as descobertas da psicanálise influenciariam positivamente a criação e a educação das crianças, de tal modo que as gerações futuras poderiam vir a estar muito mais protegidas dos conflitos neuróticos, e que assim criaríamos adultos mais saudáveis e mais felizes. Em *Novas conferências sobre a Psicanálise* ele referiu-se "à mais importante de todas as atividades da análise... estou pensando nas aplicações da psicanálise à educação, à criação da nova geração" (Freud, 1927-1973b).

O ponto de partida dessa proposta foi sua constatação do caráter patogênico da educação de sua época, geradora de neuroses, o que o levou a "esperar que a pedagogia esclarecida pela psicanálise a respeito do funcionamento do psiquismo e da natureza do seu desenvolvimento poderia reformar seus métodos e seus objetivos e tornar-se um instrumento profilático" (Millot, 1979).

Assim, o caráter determinante das experiências precoces impôs-se a Freud a partir da análise do funcionamento afetivo e do inconsciente de pacientes adultos. A extensão dessas descobertas para aperfeiçoar as práticas educativas foi uma decorrência natural e, até, lógica. Se se sabia tratar de adultos às voltas com seu sofrimento psíquico, usando um método que facilitava a revivência de suas lembranças da infância, por que não prevenir, então, esse sofrimento, modificando, melhorando as práticas educativas utilizadas com as crianças?

É preciso lembrar aqui que essas propostas, avançadas nas primeiras décadas do século 20, apresentaram-se num período em que a criança, cujo estatuto na sociedade ocidental vinha se modificando desde o final do século 17, ganhou definitivamente um lugar central no imaginário social. Isso resultou numa mudança total das práticas voltadas para a infância, "envolvendo todos os planos da vida social, desde a educação, a saúde e até as

relações familiares. Passamos a viver uma era centrada na criança" (Aragão, 1999). O século 20, já chamado de século das crianças, "colocou a infância no centro de numerosas teorias, pesquisas, preocupações pedagógicas, sanitárias e sociais, atentas em detalhar todas as suas facetas" (Becchi, 1998).

Nesse contexto, o discurso da psicanálise a respeito da criança inseriu no imaginário social a consciência da vida psíquica e emocional das crianças e de sua importância decisiva para o seu vir a ser. Para um psicanalista francês contemporâneo, J. B. Pontalis, a referência de todos os psicanalistas à criança e ao infantil é inelutável, uma vez que

a psicanálise é ela, em seu princípio mesmo, na sua teoria como na sua prática, animada toda ela pela "crença" sempre confirmada de que aquilo que nós chamamos de "adulto" é do início ao fim modelado pelos conflitos, traumatismos, fantasias, desejos da criança. Regressão, fixação, repetição, recalçamento, transferência, não há um conceito freudiano que não faça apelo à sobrevivência ativa da criança em nós. (Pontalis, 1979)

Nesse conjunto de descobertas relativas à importância das experiências infantis, Freud apontou os primeiros anos da infância, até os 5 anos, como decisivos na constituição do psiquismo do sujeito. Uma das razões dessa vulnerabilidade liga-se à descoberta de que esses anos correspondem ao primeiro surgimento da sexualidade, e, por outro lado, ao fato de que as impressões desse período incidem sobre um ego imaturo e frágil, e atuam como traumas (Freud, 1927-1973a). Ele considerou também que a dificuldade da infância reside no fato de a criança, num curto espaço de tempo, ter de assimilar os resultados de uma evolução cultural que se estende por milhares de anos, incluindo a aquisição do controle das pulsões e a adaptação à sociedade. Muitas dessas coisas são impostas à criança pela educação.

O objetivo da educação seria, então, o de levar a criança a controlar suas pulsões, através de inibições, proibições, ou mesmo, supressão dos impulsos. Aqui situar-se-ia o risco da doença neurótica, e esta foi a razão que levou Freud a buscar um ponto ótimo que possibilitasse à educação atingir o máximo, com o mínimo de danos, na busca de um *optimum* de educação.

Essa proposta nos remete à questão da dosagem da frustração, inevitavelmente presente em todas as relações inter-humanas, e na própria relação com a realidade. Tratar-se-ia então de dosar e distribuir os efeitos da frustração para evitar que eles se tornassem perturbadores e nocivos para a criança. "Certamente esse *optimum* varia com a idade, as circunstâncias, o momento e o passado vivido pela criança. É importante considerar que a educação não deveria dar à criança a impressão de que todos os impulsos são perigosos" (Aragão, 1994). Ademais, a partir do reconhecimento de que a infância é marcada por conflitos intrapsíquicos, Freud chegou a propor, com objetivo profilático, a análise de todas as crianças. Ao constatar a inviabilidade dessa proposta, ele sugeriu, então, que pelo menos os educadores pudessem passar por uma experiência de análise pessoal, que lhes permitiria adquirir maior clareza quanto às implicações afetivas de suas relações educativas com as crianças (Freud, 1925-1976). Essa recomendação deriva da constatação de que o conhecimento teórico dos conceitos psicanalíticos não dá ao educador a possibilidade de modificar suas atitudes, enquanto que uma educação psicanalítica dos educadores "deveria liberá-los de suas próprias infâncias, e possibilitaria uma nova relação consigo mesmo e com seus educandos". (Armando, 1974). É certo que a psicanálise como parte da formação dos educadores também tem se mostrado inviável como prática, mas o peso da influência das descobertas da psicanálise nessa formação é, sem dúvida, indiscutível.

Mesmo todas essas propostas e recomendações, no entanto, não chegam a retirar da relação educativa, e da relação de toda a criança com o adulto, o caráter de imposição das limitações inerentes à vida humana em sociedade. Assim, foi necessário renunciar

em parte às esperanças primeiras dos psicanalistas, pois fomos obrigados a constatar que os conflitos psíquicos são inelutáveis, e que nenhum método pedagógico pode preservar a criança de seus efeitos. A idéia de que, reduzindo a repressão sexual, que seria a causa maior de todos os sofrimentos psíquicos, estaríamos garantindo ao indivíduo sua plena satisfação e sua felicidade, caiu por terra, já que a característica do desejo humano é estar em constante movimento, numa busca contínua e incessante por um objeto nunca alcançado, pois cada objeto desejado nada mais é do que um substituto do primeiro objeto de satisfação, para sempre perdido. "O reconhecimento da angústia, da falta e do conflito, inerentes ao sujeito humano, pode auxiliar o educador a reduzir suas esperanças educativas (megalomaníacas) e a melhor compreender e aceitar os limites de sua própria ação" (Aragão, 1994).

Se o saber acerca do Inconsciente nos dá a medida dos limites do controle sobre suas forças, a psicanálise, no entanto, pode nos ajudar a esclarecer os mecanismos psíquicos sobre os quais se baseia o processo educativo, "através de uma ética fundada sobre a desmistificação da função do ideal", buscando levar as crianças "à uma apreensão mais lúcida da realidade" (Millot, 1979).

Como podemos apreender a presença dessa função do ideal nas práticas educativas? Sabemos que o vínculo afetivo com a criança é inevitavelmente colorido por um sentimento de posse, de propriedade, seja tratando-se de pais ou de educadores. Dizemos "*meu* filho", "*meu* aluno". Ao lado disso, há outra tonalidade específica da relação do adulto com a criança, que se faz presente na educação dos pequenos, e constitui um de seus pólos centrais: trata-se do conjunto de desejos que cada adulto projeta sobre a criança que ama. Assim, cada um projeta sobre "suas" crianças os desejos que não pôde realizar por sua própria conta: que elas possam ter mais sucesso, que possam ser mais livres, que tenham aquilo que nos faltou, etc. Da mesma forma, é claro, transmite-se às crianças algo de sua própria maneira de ser e de fazer, os valores que foram recebidos e assim são passados à geração seguinte.

Mas, para além dessas projeções, às vezes inconscientes, nossa relação com as crianças é moldada também pelo que Freud chamou de "romance familiar". O "romance" que imaginávamos, quando crianças, em relação a pais que, mais do que nossos pais reais, seriam maravilhosos. Temos em nós o registro inconsciente desse modelo de pais ideais que gostaríamos de ter tido, e esse modelo ideal desperta-se em nós quando, adultos, encontramos na posição parental real ou substitutiva junto às crianças. Assim, o bom de estar com a criança é poder ser como esse pai ou essa mãe que nós sonhamos ter quando crianças. Não um pai ou mãe real, porque esses têm defeitos e nunca realizam todos os desejos das crianças, mas sim um pai ou uma mãe construído por nosso imaginário, perfeitos.

Essa fantasia do "romance familiar" está ligada às determinações inconscientes da dimensão idealizada da relação educativa, que atinge tanto o adulto na função de educador, quanto a criança e a própria relação. Tais jogos de idealização, além da dimensão de apropriação em relação à criança, explicam, muitas vezes, os conflitos entre os pais e os profissionais, uns e outros não suportando nenhuma falha que venha a abalar a imagem idealizada que eles possam ter de si mesmos, seja como pais, seja como educadores.

Vemos, assim, em relação aos mecanismos de idealização, como a psicanálise pode ser útil ao lançar luz sobre aspectos fundamentais da relação educativa, e de muitos de seus impasses. Essa parece ser uma contribuição positiva e possível da psicanálise à educação, abandonando, no entanto, aquelas pretensões iniciais de que tudo pode mudar somente porque dispomos de conhecimentos teóricos que assim o permitiriam.

Mas se podemos nos servir de conceitos e procedimentos psicanalíticos, fora do *setting* delimitado da clínica psicanalítica, não podemos nos esquecer de que há riscos metodológicos implicados na utilização desses conceitos para além de seu campo próprio de conhecimento. A banalização de noções e descobertas da psicanálise, causada por sua grande difusão através dos diferentes meios

de comunicação, por vezes chega a preocupar, tendo em vista que aplicações distorcidas podem não somente retirar o rigor e a força dos conceitos, como também causar incompreensão e mesmo danos aos sujeitos a quem são propostas explicações psicanalíticas, por vezes, "selvagens".

Temos, no entanto, exemplos históricos de práticas educativas em que a influência da psicanálise foi marcante e positiva, como a Escola Experimental de Bonneuil, criada e dirigida até sua morte por Maud Mannoni, ou a estrutura da Maison Verte, concebida por Françoise Dolto, ambas tendo exercido a psicanálise com crianças.

A Escola Experimental de Bonneuil é, na realidade, um lugar de tratamento para crianças com graves distúrbios psíquicos, mas a experiência aí vivida conduziu a várias reflexões sobre as interfaces psicanálise/educação. No contexto educacional de Bonneuil, a psicanálise se faz presente a título de "proporcionar pontos de referência" (Mannoni, 1979), como modo de lançar luz sobre a relação educativa, orientando os profissionais e ajudando-os a *inventar*. "Para o analista, a educação não deve funcionar cegamente (contentando-se, por exemplo, com a aquisição de automatismos), mas fazer um lugar para o desejo e se abrir sobre possibilidades de permanente invenção..." (Mannoni, 1986). Tratar-se-ia, assim, de uma "atitude de base" marcada pela psicanálise, que se faria presente não só na organização da instituição, mas também no enfoque com o qual os vários procedimentos e as relações inter-subjetivas são compreendidos.

Ao criar a estrutura que ela chamou de Maison Verte, Françoise Dolto buscava mais uma forma de colocar as descobertas da psicanálise a serviço das crianças. Essa "casa" foi concebida por ela como um lugar de encontro, onde o acolhimento de crianças até 3 anos de idade, junto com seus pais, perseguia o objetivo de romper o isolamento urbano e de reduzir a angústia que por vezes os pais experimentam com a vinda ao mundo de um bebê. Essa proposta tinha, sobretudo, um cunho preventivo, e ao oferecer esse espaço às crianças e seus pais, Dolto pretendia também ajudá-los a

lidar com a separação, preparando-os assim para a entrada das crianças na pré-escola. A partir da primeira dessas "casas", que começou a funcionar em Paris, em 1979, várias outras estruturas semelhantes se organizaram na França. As crianças podem freqüentar esse espaço, sempre acompanhadas pelos pais ou por um outro adulto que elas conheçam bem, durante pelo menos uma hora, ou por um período do dia, e são recebidas por uma equipe multidisciplinar, da qual sempre faz parte um psicanalista.

Quais os ensinamentos da psicanálise que Dolto buscou aplicar nesse trabalho com crianças tão pequenas? Em primeiro lugar, sua compreensão da questão da separação era a de que, paradoxalmente, a condição para que uma criança adquira autonomia e concorde em separar-se de seus pais é justamente não deixá-la só. É preciso, primeiro, que ela possa fazer a experiência da separação subjetiva, e isso só se dá através da relação com os outros. Por outro lado, a presença da psicanálise indica que se trata de escutar a criança como um ser estruturado pela palavra, e de falar-lhe como a uma pessoa. "Dizer que aqui há psicanálise, quer dizer que aqui se escuta sem tomar ao pé da letra o discurso consciente, absorvendo a angústia, sem se deixar invadir por ela" (Wasse, 1995). Para Dolto, a presença da psicanálise deveria ser marcada pela leveza e pela discrição, uma presença não-intrusiva que favoreceria a circulação mais livre de afetos e de palavras, em torno da criança, com uma disposição interna que exclua o julgamento e as reações sentimentais ou moralizadoras por parte dos adultos da equipe.

Ao evocarmos essas duas experiências de instituições atuando com crianças, pretendemos avançar um pouco mais na nossa reflexão sobre as aplicações possíveis da psicanálise às práticas educativas. Como podemos pensar, então, a influência da psicanálise no campo específico da educação infantil? Aqui, tratando-se de bebês e de crianças pequenas, precisamos tomar a acepção da educação no seu sentido mais amplo, que inclua o "cuidar" como aspecto fundamental da relação adulto/criança. E é no campo da Educação Infantil que o aspecto preventivo dessas aplicações se faz mais

evidente. Pelo que sabemos hoje a respeito da importância decisiva dos primeiros anos da vida para a constituição do sujeito psíquico, é fundamental organizar as instituições recebendo as crianças pequenas de tal modo a buscar assegurar-lhes ao máximo uma base saudável e segura.

Assim, creio que um dos modos de presença da psicanálise na Educação Infantil nos vem pelos conhecimentos que adquirimos sobre os bebês e as crianças pequenas, sobre o desenvolvimento em seus aspectos psico-afetivos, sobre a importância decisiva da qualidade das relações que se estabelecem entre a criança e os adultos significativos, também chamados de adultos primordiais, que com ela interagem e que dela se ocupam. Essa presença da psicanálise pode ser objetivada nos procedimentos adotados na instituição, no modo de organização dos grupos e das rotinas, na seleção e formação das equipes de educadores, na forma de abordar a relação com as famílias. Nas instituições de Educação Infantil precisamos lembrar que estamos sempre lidando com a questão fundamental da experiência da separação e com a conquista progressiva da autonomia, a partir de uma posição inicial de dependência completa do bebê em relação à sua mãe, ou sua substituta. Por outro lado, a psicanálise tem nos ensinado o valor fundamental do brincar, não somente como atividade central da infância, mas como atividade propriamente necessária para a constituição do sujeito humano. Essa descoberta deveria por si só revolucionar a prática educativa, já que muitas vezes a ênfase colocada sobre a aprendizagem limita excessivamente o brincar das crianças, quando na verdade o que se deveria buscar na organização das escolas, e na metodologia nelas aplicada seria o favorecimento máximo das atividades lúdicas infantis.

Faremos agora a exposição de alguns aspectos do trabalho desenvolvido numa instituição de educação infantil, uma creche, em que vários conhecimentos da psicanálise se fizeram presentes desde sua criação, tanto na própria estrutura da instituição, como na orientação do modo de organização do atendimento, e dos cuidados oferecidos às crianças.

Em trabalho anterior (Aragão, 1996), compreendíamos de dois ângulos principais a influência da psicanálise nessa creche: o primeiro seria aquele relativo aos princípios que regem o próprio atendimento, levando em conta o lugar que essa instituição passa a ter na vida da criança e de sua família, e o outro na construção da prática institucional, na dinâmica das relações intra-institucionais.

No que concerne à significação que a creche passa a ter na vida da criança e de sua família, precisamos vê-la investida socialmente como o lugar onde se concretiza a separação. Daí deriva uma atitude ambivalente em relação a essa instituição, ora vista de modo idealizado, ora percebida como um lugar negativo, carregando ainda uma antiga carga imaginária de "depósito de crianças", visão enraizada na história das primeiras creches, que foram assim concebidas. "Como lugar idealizado, a creche tende a ser representada como a instituição onde estão os 'especialistas', que sabem mais sobre a criança, que podem proporcionar a ela cuidados e atendimento 'técnicos', até melhores do que aqueles oferecidos pelos próprios pais" (idem). Decorre em parte dessa crença a idéia de que na creche as crianças desenvolvem-se mais rapidamente e melhor, porque estarão sendo "cientificamente estimuladas". Em contrapartida, a colocação de um bebê numa creche suscita inevitavelmente uma forte emergência de angústias, diante dessa entidade desconhecida. Desenvolvem-se assim projeções dos pais, marcadas às vezes por angústias persecutórias, girando em torno de dúvidas quanto ao que será feito aos seus filhos ali, como eles serão tratados; surgem também fantasias de "perder a posse" da criança em benefício da creche, de perda do bebê, ou do vínculo com o bebê.

De um outro ponto de vista, a creche, como lugar de separação, assume a posição do terceiro que vai introduzir a distância entre a mãe e o bebê. É a compreensão do que se mobiliza em torno desse eixo de separação que deve nortear a organização da guarda e dos cuidados da criança, e que terá que ser analisada caso a caso. É também em torno dessa questão que se organizam os

grupos de crianças, que se faz a escolha e o treinamento da equipe de atendimento, com uma sensibilização especial às manifestações do bebê separado de sua mãe.

Em razão disso, toda a atenção precisa ser dada à maneira como a criança será introduzida na creche, através de uma gradativa e lenta adaptação, sempre acompanhada pela mãe, ou outro adulto significativo para ela. A adaptação visa ajudar o bebê em três aspectos importantes da experiência de separação. Em primeiro lugar, permitindo-lhe vivenciar a separação como temporária, não definitiva, o que se faz pela modulação do tempo em que ele fica longe de sua mãe, tempo que deve ser aumentado progressivamente, levando em conta as reações que a criança apresenta. Em segundo lugar, ajudando o bebê a lembrar-se, utilizando recursos como seu objeto ou brinquedo preferido, ou um objeto da mãe, que concretize para ele sua presença, mesmo quando ela está ausente. E, por fim, apostando na possibilidade que a criança tem de investir na nova relação, oferecendo-lhe, na ausência da mãe, a experiência de descobertas através de jogos, sensações, estimulação rica e apropriada para sua faixa etária.

Esses procedimentos de adaptação são delineados durante a entrevista de matrícula, conduzida por uma psicóloga com experiência analítica. Trata-se, nessa entrevista, do primeiro momento formal de acolhimento e de escuta dos pais, e de observação da criança. Dos pais, busca-se ouvir sobre as razões que levaram à escolha de uma creche, e dessa em particular, sobre o momento em que isso ocorre na vida da criança e da família, sobre as expectativas e temores que eles experimentam em relação à entrada de seu filho na creche. A observação da criança permite colher dados sobre seu desenvolvimento, suas reações, seu modo de interação com os pais, a qualidade da relação, a maneira como a criança estabelece um contato com um adulto desconhecido para ela. Todos os dados colhidos durante essa entrevista vão orientar a forma como será organizada a adaptação da criança, assim como a escolha do grupo e da educadora responsável por ela, que conduzirá a adaptação e a acompanhará enquanto ela estiver no grupo.

Na organização dos grupos, uma ênfase particular é dada à qualidade e à continuidade do vínculo entre a educadora e a criança. A opção pelo agrupamento vertical visa facilitar essa continuidade, além de favorecer o respeito às diferenças e às individualidades, outra característica buscada nesse trabalho.

A observação da criança é um outro recurso, que nos vem da psicanálise, e que é de grande valia para permitir à equipe construir hipóteses sobre os processos relacionais em jogo em torno da criança. Essa observação, realizada pelas psicólogas, é em geral solicitada pelos educadores, ou pelos pais, e ela é posteriormente discutida durante as reuniões de supervisão, e com a família. O "pano de fundo" dessa proposta é a compreensão do lugar do bebê em sua inscrição na família, no desejo parental, e como tal lugar é transportado para o espaço da creche e transferido para a relação com a educadora. Constatamos que é muitas vezes através dessa nova relação criança/educador, que a creche pode produzir efeitos de mudança benéfica para a criança, desbloqueando eventualmente circuitos emocionais que se encontravam impedidos nas relações familiares.

No que diz respeito às relações com a família, a equipe coloca-se numa atitude de disposição permanente para a escuta e o acolhimento de todas as manifestações dos pais, levando em conta que as demandas, críticas ou queixas que são dirigidas à instituição vêm marcadas pelas fantasias parentais projetadas, e que é necessário, então, ouvi-las para além do discurso manifesto.

A relação dos pais com a criança traz a marca da relação do casal com o meio social, a Creche sendo parte desse meio. Um conflito existente entre os pais e o meio pode confirmar para o psiquismo infantil, uma identidade entre o que ocorre na cena exterior e a fantasia inconsciente. Assim, a relação dos pais e da criança com a creche pode desempenhar um papel importante na elaboração de futuros enunciados identificatórios. (Aragão, 1996)

Como referido acima, a psicanálise se faz presente nessa creche não só nas modalidades de organização e de funcionamento da instituição, mas também na própria dinâmica das relações intra-institucionais. A composição da equipe multidisciplinar já oferece a possibilidade de confrontação de diferenças, e é uma premissa do trabalho o reconhecimento dessa diversidade, o respeito às características de cada um, e uma disposição para a escuta e a fala que circule dentro da equipe. Essa atitude da coordenação transmite-se às relações entre os outros subgrupos da creche e, à medida que não se busca impor ao outro uma idéia, ou uma única solução para uma situação dada, o próprio grupo movimenta-se na busca de soluções. Através do reconhecimento da função de cada membro da equipe, e da complementaridade permanente entre todas as áreas de trabalho, favorece-se o mesmo tipo de atitude entre todos os funcionários, e visa-se estimular a mesma atitude básica em relação às crianças.

Consideramos, por fim, que a psicanálise, além de se fazer presente nessa disposição para a escuta e para o acolhimento, manifesta-se também no reconhecimento de que os efeitos da experiência de separação se fazem sentir sobre todos os que nela se encontram envolvidos, aí incluídos os membros da equipe, e não somente a criança e sua família. Por outro lado, cremos que é preciso reconhecer a singularidade irreduzível de cada bebê, e de cada núcleo familiar, o que implica uma disposição permanente para se surpreender, para descobrir com cada novo bebê, com cada criança que chega, o modo único com o qual ela se vai se posicionar na relação que se instaura com a educadora e com os outros membros da equipe da creche.

E busca-se favorecer sempre a emergência da linguagem, em todas as suas formas, considerando fundamental que se possa criar e recriar em torno da criança essa rede de significações e de afetos, já que a creche é não somente o lugar em que se concretiza a separação, mas é também para a criança um lugar de vida, que passa a ser fundamental no seu processo de subjetivação. A psicanálise, ao nos ensinar sobre o processo de humanização do

bebê, nos indica que a constituição do sujeito passa pelas experiências vividas no seio de relações significativas para ele. Nesse sentido, estamos todos envolvidos nesse processo, lembrando que "ao cuidar da criança, estamos buscando cuidar da criança em nós..., e estamos nos dispondo também a fazer descobertas, a ser interpe-lados, contestados e mobilizados em nossas crenças, convicções e certezas" (Aragão, 1996).

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, S. F. C. de. O papel da escola na educação e prevenção em saúde mental. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 3, n. 4, 1. sem. 1998.

\_\_\_\_\_. Psicologia, psicanálise e educação : três discursos diferentes? In: BUCHER, R.; ALMEIDA, S. F. C. de (Org.). *Psicologia e psicanálise : desafios*. 2. ed. Brasília : Ed. da UnB, 1994.

ARAGÃO, R. O. de. Como lidar com o sofrimento da criança? *Pulsional* : Revista de psicanálise, São Paulo, v. 12, n. 124, ago. 1999.

\_\_\_\_\_. Psicanálise e educação : conflito ou conciliação? In: BUCHER, R.; ALMEIDA, S. F. C. de (Org.). *Psicologia e psicanálise : desafios*. 2. ed. Brasília : Ed. da UnB, 1994.

\_\_\_\_\_. Psicanálise na creche : necessidade ou utopia? *Pulsional* : Revista de psicanálise, São Paulo, v. 9, n. 89, set. 1996.

ARMANDO, M. *Freud et l'éducation*. Paris : Ed. ESF, 1974.

BECCHI, E. Le XXe siècle. In: BECCHI, E.; JULIA, D. (Org.). *Histoire de l'enfance en Occident*. Paris : Seuil, 1998.

BUCHER, R.; ALMEIDA, S. F. C. de (Org.). *Psicologia e psicanálise : desafios*. 2. ed. Brasília : Ed. da UnB, 1994.

FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro : Imago, 1925-1976. 24 v. v. 19. p. 341-343: Prefácio à juventude desorientada, de Aichhorn.

\_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Madrid : Biblioteca Nueva, 1927-1973a. pt.: El porvenir de una ilusión.

\_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Madrid : Biblioteca Nueva, 1927-1973b. pt.: Nuevas lecciones introductorias.

LAJONQUIÈRE, L. de. A psicanálise, a educação e a Escola de Bonneuil. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 3, n. 4, 1. sem. 1998.

MANNONI, M. *Bonneuil, seize ans après*. Paris : Denoel, 1986.

\_\_\_\_\_. *Éducation impossible*. Paris : Seuil, 1979.

MILLOT, C. *Freud antipédagogue*. Paris : Champs Flammarion, 1979.

PONTALIS, J. B. La chambre des enfants. *Revue de Psychanalyse, L'Enfant* : Nouvelle revue de psychanalyse, Paris, n. 19, 1979.

WASSE, D. *Se tenir debut et marcher*. Paris : Gallimard, 1995.